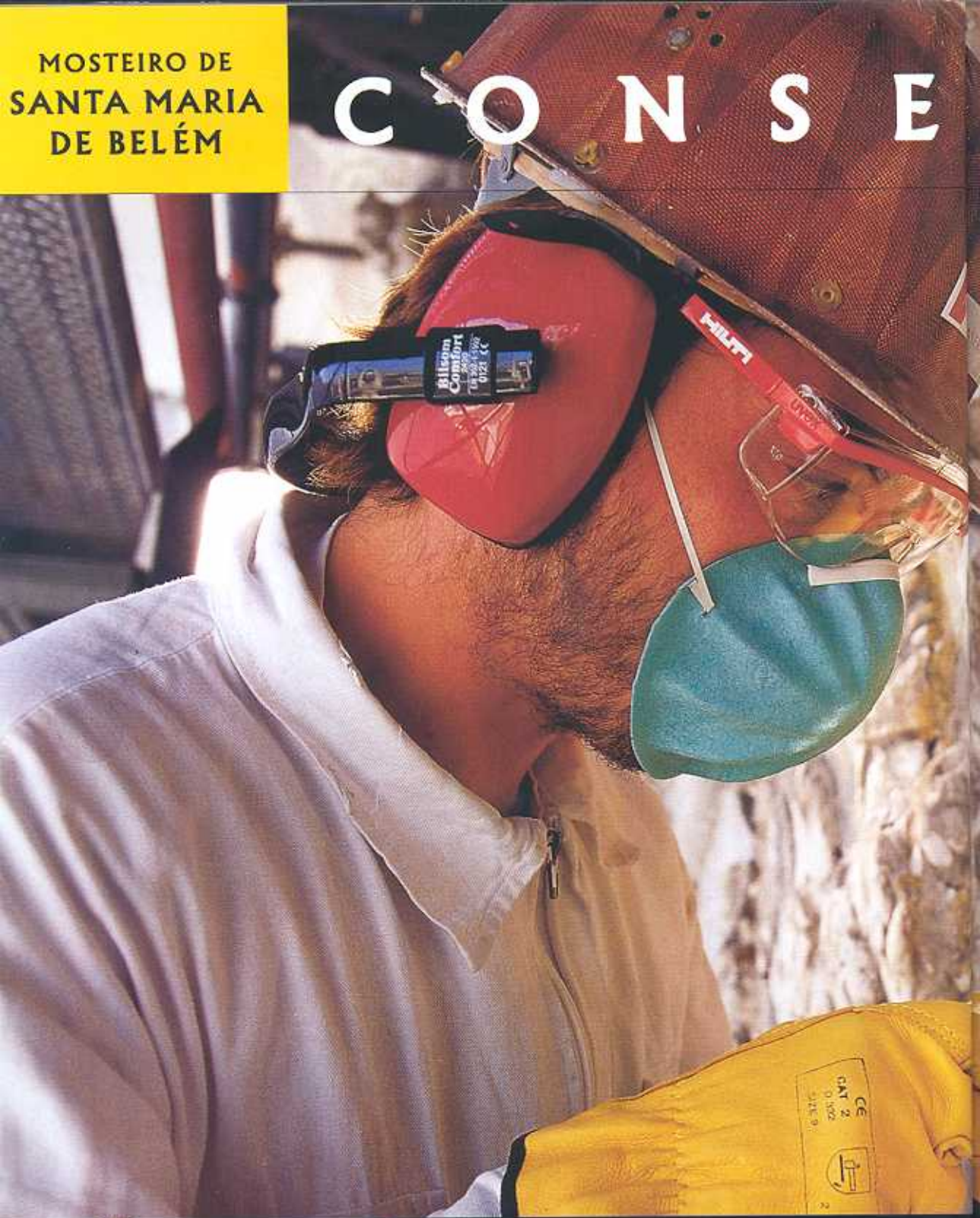


MOSTEIRO DE
SANTA MARIA
DE BELÉM

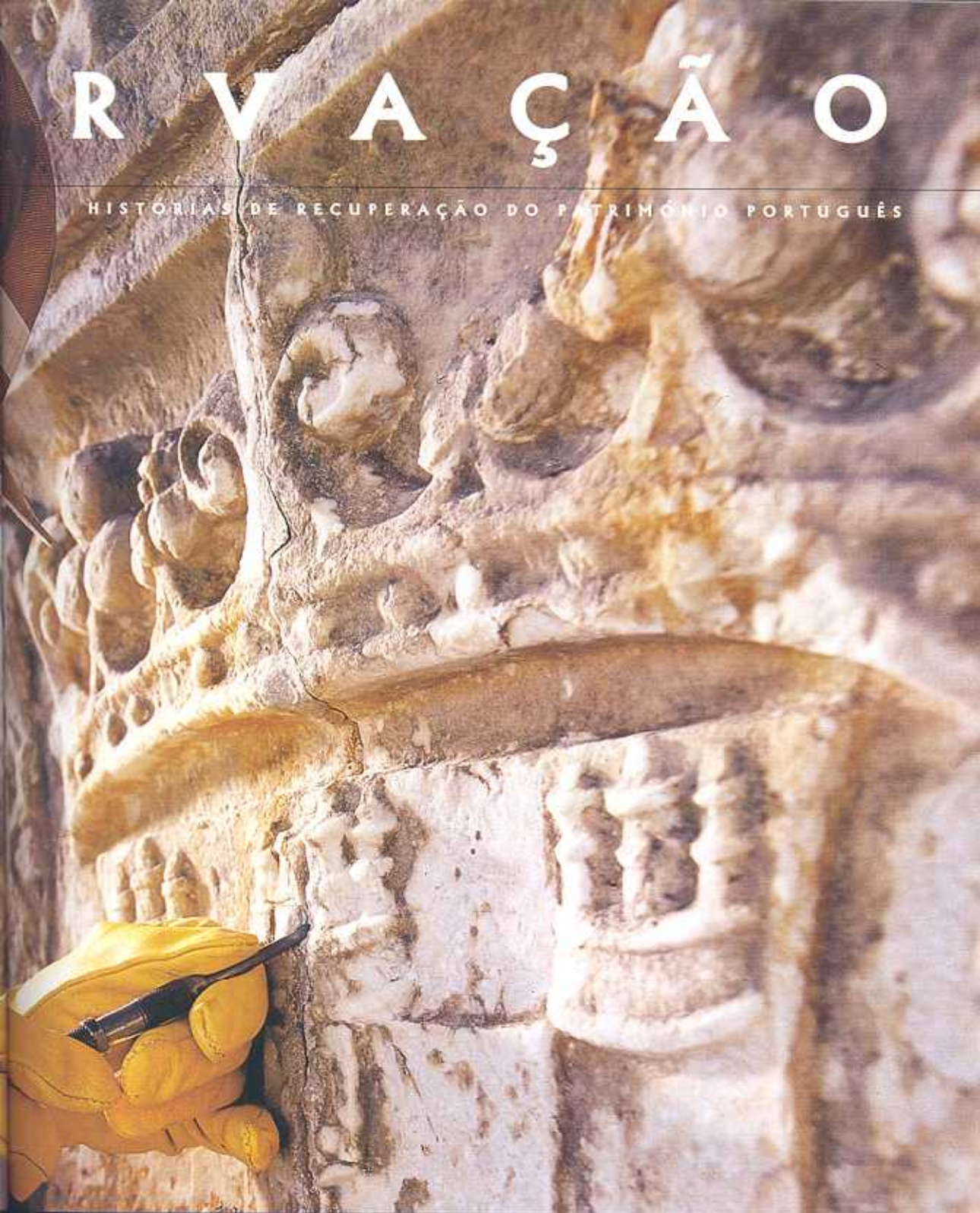
C O N S E



Jerónimos
Uma obra portuguesa, com certeza

R V A Ç Ã O

HISTÓRIAS DE RECUPERAÇÃO DO PATRIMÓNIO PORTUGUÊS



*Em dois anos, o claustro do Mosteiro dos Jerónimos será restaurado, com recurso a técnicas e métodos inovadores.
Texto de Gonçalo Pereira Fotografias de Artur Henriques*

A PROMOÇÃO DE UM PAÍS NO MUNDO faz-se, como propunha António Sérgio, pela valorização das pedras vivas (as pessoas) e não das pedras mortas (os edifícios). O restauro do claustro dos Jerónimos contraria esta ideia. O espaço nobre do mosteiro tem sido tratado carinhosamente, centímetro a centímetro, como se de uma pedra viva se tratasse.



"Fizemos 'endoscopias' ao claustro, radiografámo-lo e depois, através de um microscópio electrónico apontado à pedra, analisámos o grau de limpeza obtido pelo laser", explica o arquitecto coordenador da obra. "Identificámos também os processos de limpeza e de aumento de resistência que deveriam ser utilizados e socorremo-nos da documentação existente para perceber o que tinha sido feito ao longo dos anos. Só quando esse inventário terminou, estimámos os custos (476.500 contos) e a duração da obra (2 anos)."

A pedra de toque desta obra foi "limpar e tratar as patologias do monumento, proporcionando-lhe maior resistência ao ambiente", explica Paulo Lowndes Marques, presidente do World Monument Fund Portugal (WMFP). "Quando Violet le Duc restaurou a Nôtre Dame no século XIX, reconstruiu a catedral como achava que ela deveria ter sido. Os Jerónimos também sentiram essa tendência, como o comprova a destruição do lago que existia no centro do claustro, simplesmente porque não era apropriado para um monumento do estilo gótico." Foi determinado, por isso, que a intervenção se regeria por critérios de resistência e não tanto de estética, pelo que "não removemos evidências históricas, como colorações, sempre que verificamos que elas não sofrem patologias", acrescenta Isabel Cruz de Almeida, directora do Mosteiro dos Jerónimos e vice-presidente do WMFP. "No fundo, prolongamos o tempo de vida útil do claustro e deixamos um guia detalhado para intervenções futuras, discriminando tudo o que fizemos, onde fizemos e como fizemos", acrescenta Vasco Moreira Rato, o arquitecto coordenador do projecto de conservação.





Não é ficção científica, embora as imagens causem estranheza. No restauro do claustro, estão a ser utilizadas técnicas inovadoras, definidas pela comissão científica (formada por Aires Barros, Fernando Henriques, Elena Charola e Delgado Rodrigues), que colocam o mosteiro no mesmo patamar dos grandes monumentos italianos no que toca ao restauro da pedra. Antes do início dos trabalhos, realizou-se um levantamento das patologias da pedra, que detectou 24 formas de degradação diferentes. As imagens ilustram duas técnicas: a consolidação de juntas precárias e a pulverização para atacar colonizações biológicas.





"É impossível trabalhar nesta obra sem pensar constantemente que este mosteiro resiste há 500 anos às agressões do meio e do homem", explica Vasco Moreira Rato. "Atribui-se actualmente 80 anos de vida útil ao betão armado, mas a pedra deste claustro permanece há cinco séculos", exclama.

A intervenção iniciada em Fevereiro de 2000 e com fim previsto para Fevereiro de 2002 foi alvo de um financiamento original: "O WMFP angaria dois terços do custo da obra, e o IPPAR financia o restante. O levantamento rigoroso das patologias visa, aliás, o cumprimento rigoroso de prazos e orçamento. Graças a este método, o restauro da Torre de Belém custou menos 2% do que a estimativa", diz Paulo Lowndes Marques, recordando a primeira grande obra do WMFP. "Deve ter sido a única obra pública desde D. Afonso Henriques que custou menos do que o orçamento!", ironiza o responsável da organização que restaurou também o órgão da Igreja do Espírito Santo e que se prepara para reabilitar o farol de S. Miguel-o-Anjo. □

"Os arcos do patamar inferior preocupavam-nos, porque estavam frágeis e colocavam problemas de consolidação", diz Vasco Moreira Rato. Optou-se assim por uma tecnologia laser desenvolvida por um grupo de investigação europeu (do qual fez parte José Delgado Rodrigues) com a vantagem de limpar sem tocar na pedra.

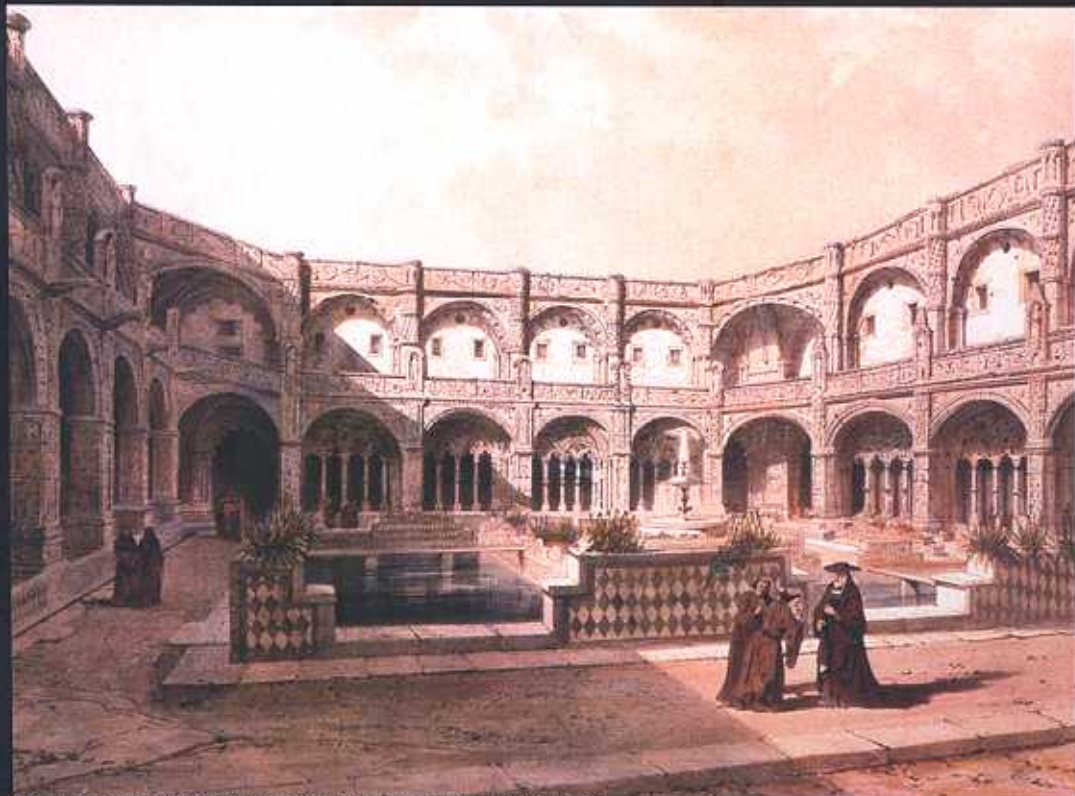


"GENEALOGIA DE D. FERNANDO" - BRITISH LIBRARY, LONDRES

Local de acolhimento das embarcações quinzentistas (à esquerda), velha residência monástica dos séculos XVI ao XIX (em baixo e ao fundo da página), quartel temporário de tropas inglesas, local de culto de Santa Maria de Belém, escola e habitação dos alunos da Casa Pia no final do século XIX, o claustro e o mosteiro têm muito para contar. E, como vimos, a história fica gravada na pedra.



ARQUIVO MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA



"CLAUSTRO DO CONVENTO DE BELEM NO INÍCIO DO SÉCULO XIX" - MUSEU DA CIDADE, LISBOA